



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JOSEFA MACHADO

**O DIREITO DE BRINCAR: OBSERVAÇÕES DE UMA ESTAGIÁRIA DE
PEDAGOGIA A UMA BRINQUEDOTECA NÃO ESCOLAR**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

JOSEFA MACHADO

**O DIREITO DE BRINCAR: OBSERVAÇÕES DE UMA ESTAGIÁRIA DE
PEDAGOGIA A UMA BRINQUEDOTECA NÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo.

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M149d Machado, Josefa.

O direito de brincar [manuscrito] : observações de uma estagiária de pedagogia a uma brinquedoteca não escolar / Josefa Machado. - 2018.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Brincar. 2. Criança. 3. Brinquedoteca não escolar. 4. Ludicidade.

21. ed. CDD 372.21

JOSEFA MACHADO

O DIREITO DE BRINCAR: OBSERVAÇÕES DE UMA ESTAGIÁRIA DE
PEDAGOGIA A UMA BRINQUEDOTECA NÃO ESCOLAR

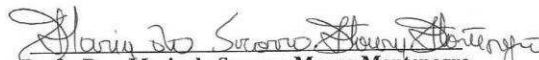
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada a Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduada em
Pedagogia.

Aprovada em: 19/06/2018.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Meló (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria José Guerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que me incentivaram e me deram forças nos momentos em que mais precisei.

À professora e coordenadora do curso de Pedagogia Glória Maria Leitão de Souza Melo, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pelo norteamento indicado.

Aos meus pais, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, que de forma direta e intencional, contribuíram ao longo desse tempo juntos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, (bibliotecários, auxiliares de serviços gerais, vigilantes, o pessoal responsável pelas xérox, etc) pela gentileza, presteza e atendimento quando me foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade, apoio, compreensão e solidariedade, em especial a Cinthya Mayara Menezes de Freitas, Karen Ohana de Souza Bastos, Jéssica Helena de Oliveira Pinto e Valkênia Kuirly... companheiras inseparáveis em grupos de estudos e apresentações em seminários.

Em especial a Deus e a minha filha Natanielly Sandy Souza Machado, pelo companheirismo, empenho e otimismo, para que eu não desistisse em meio aos problemas e dificuldades que surgiram durante o percurso, me fazendo chegar até aqui.

“Fortalecer a criança é também fortalecer o adulto, que ao conseguir preservá-la saudável dentro de si torna-se um ser humano mais íntegro, capaz de amar e usufruir a vida em sua plenitude, pois o seu lado criança representa a sua alma, a sua sensibilidade e a sua possibilidade de encantamento” (CUNHA, 2007).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	O DIREITO DE BRINCAR E DE SE DESENVOLVER BRINCANDO ...	10
3	BRINQUEDOTECA: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS E INVESTIGATIVAS	16
4	A BRINQUEDOTECA NO CENTRO DE ATIVIDADES E LAZER: um encontro com os dados da nossa investigação.....	19
4.1	Considerações sobre a pesquisa e o campo de investigação.....	20
4.2	Nosso estágio, nossas observações, nossas escutas, nossas reflexões.....	21
5	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS	28

O DIREITO DE BRINCAR: OBSERVAÇÕES DE UMA ESTAGIÁRIA DE PEDAGOGIA A UMA BRINQUEDOTECA NÃO ESCOLAR

Josefa Machado¹

RESUMO

Este artigo consiste em analisar, na condição de estagiária de Pedagogia, a importância do direito de brincar, de forma autônoma, de crianças frequentadoras de um Centro de Esporte e Lazer. Sem a pretensão de esgotar o assunto, procurei apontar aspectos e argumentos que expressam a utilidade e a importância da existência de brinquedotecas em espaços não escolares. Os principais autores que contribuíram para essa análise foram: Bruner (1978), Vigotsky (1984, 1989, 1991, 1998), Piaget (1973,1998), Cunha (2001) e Kishimoto (2016). O estudo se caracterizou como qualitativo, do tipo pesquisa de campo. Os instrumentos de coleta de dados foram: questionários, com questões abertas, para os pais das crianças frequentadoras da brinquedoteca; entrevistas, com roteiro de perguntas pré-elaboradas, para essas crianças; bem como observações das mesmas e fala espontânea de seus respectivos pais, registradas em diário de campo. O Centro de Atividades e Lazer, se constituiu como nosso campo de investigação, no qual, foi selecionado 11 crianças, entre 4 e 12 anos de idade, que foram escolhidas como sujeitos da pesquisa, de acordo com a assiduidade, bem assim como seus pais, por serem os agentes condutores das mesmas até a brinquedoteca. O estudo evidenciou entre outros, que o discurso dos pais na maioria das vezes, é contraditório aos seus comportamentos, mesmo estes reconhecendo os benefícios que esse ambiente promove para seus filhos. Concluímos, que o brincar é uma atividade característica da infância, que se consolida como essencial para o desenvolvimento da criança, em todos os seus aspectos e, a brinquedoteca, enquanto provedor de tais práticas, promove esse desenvolvimento de maneira inquestionável, lúdica e prazerosa.

Palavras-chave: Brincar; Criança; Brinquedoteca não escolar.

1 INTRODUÇÃO

A Educação é um processo de socialização contínuo que permite aos indivíduos a construção de conhecimentos, a formação de valores, além de despertar, potencializar e aprimorar habilidades que podem favorecer transformações intelectuais, sociais e emocionais, de acordo com a significação que estes indivíduos atribuem a tudo isso. No entanto, sendo a educação alvo de muitas críticas e pesquisas por ser um problema que atinge todo o país, têm-se notado que muitas são as possibilidades para a consolidação da mesma, uma vez que o contexto histórico em que vivemos é resultado e cenário de nossas práticas, tornando-se reflexo de tudo que aprendemos e interiorizamos durante a vida.

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: johany_2012@yahoo.com.br

Embora muitas mudanças tenham ocorrido no campo educacional, ainda é muito comum relacionarmos essa palavra tão somente à escola, como se apenas ela fosse responsável pela formação do ser humano em suas respectivas áreas atribuídas. Porém, é fato que, mesmo não acontecendo num único momento da vida, é na infância que ela tem suas bases fincadas e, dependendo de como elas forem exploradas e otimizadas, posteriormente poderá promovê-los ou não, já que abrange os processos ensino-aprendizagem. Constatando que a educação nos acontece em seus mais variados espaços. Nossa análise se envereda com o intuito em demonstrar que a brinquedoteca emergi como mais um recurso educacional e instrumento, que auxilia a intensificar e transformar esses conhecimentos, quando necessário.

Na área da educação, entre outros aspectos, as atividades lúdicas são vistas como objetos e/ou ações que permitem às crianças se divertirem, ao mesmo tempo em que aprendem sobre algo. Assim, quando são intencionalmente criadas pelo adulto, com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa das situações lúdicas. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador esta potencializando as situações de aprendizagem (KISHIMOTO, 2005 p. 21 apud TEIXEIRA, 2010).

Atualmente as brinquedotecas são vistas pelos educadores, como espaços que permitem ao indivíduo muito mais que brincar e entendem que as mesmas não devem ser construídas apenas para passar o tempo, mas como um ambiente educador, provedor de bem-estar e entretenimento, dando suporte, de forma metodológica e didática, à construção e personificação do ser humano. Como veremos adiante, mesmo a brinquedoteca não tendo sido criada para esses fins, essa ideia transpassou os muros da escola e muitas empresas reconhecendo ou não que a educação acontece em todos os lugares e oportunizam, ainda que muitas vezes inconscientemente, a sua consolidação.

Muitos são os tipos de brinquedoteca, e os objetivos com as quais foram criadas. O contexto em que elas estão inseridas é que as diferenciam e as designam como sendo um simples instrumento promovedor do brincar, ou do acelerar ou promover o desenvolvimento e aprendizagem, considerando que o brincar permite a criança construir e reconstruir seus princípios morais e sociais. Vale ressaltar, o papel do outro, de um adulto que assume o papel de mediador, ou de educador, em brinquedotecas frequentadas essencialmente por crianças pequenas, já que brincar se aprende e não nasce como algo pertencente à natureza do indivíduo. Segundo Kishimoto (2016, p. 61):

Embora não tenha sido o primeiro a analisar o valor educativo do jogo, Froebel foi o primeiro a colocá-lo como parte essencial do trabalho pedagógico, ao criar o jardim com o uso dos jogos e brinquedos. Muitos educadores reconheceram a importância educativa do jogo (KISHIMOTO, 2016, p. 61).

Mesmo não tendo sido este autor a ter iniciado a utilização dos jogos como instrumentos para as práticas pedagógicas, suas pesquisas resultaram em teorias específicas nessa área, por compreender que o jogo dependendo da situação, pode resultar em benefícios intelectuais, morais e físicos, de acordo com os estímulos e direcionamentos que tiver.

Diante do exposto, e considerando mudanças ocorridas nas formas de organização e fins que assumem hoje os espaços de Brinquedotecas, temos, neste estudo, o objetivo principal de analisar, na condição de estagiária de Pedagogia, a importância do direito de brincar, de forma autônoma, de crianças frequentadoras de um Centro de Esporte e Lazer, localizado na cidade de Campina Grande-PB. Os objetivos específicos foram assim definidos: Observar se o brincar espontâneo favorece a constituição da criança enquanto sujeito; Escutar crianças sobre o espaço que lhes são oferecidos na brinquedoteca; Discutir sobre o papel do estagiário de Pedagogia, enquanto mediador de ações lúdicas e de brincadeiras, em brinquedotecas de espaço não escolar.

A presente pesquisa como já mencionada no parágrafo acima, têm o Centro de Atividades e Lazer, como campo de pesquisa e os sujeitos envolvidos, crianças frequentadoras desse espaço, com idade entre 4 e 12 anos, que foram escolhidos de acordo com a assiduidade, bem como seus respectivos pais.

Na definição do percurso metodológico, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo Pesquisa de Campo, onde apresentamos algumas evidências, a partir de observações e escuta, às crianças e seus pais. De acordo com Neves (1996, p.01), a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos, ela serve para obter dados descritivos fatos que expressam os sentidos, indo muito além da observação dos fenômenos, fazendo uma coleta do que ocorre na realidade a ser pesquisada.

Segundo Moreira (2002, p. 52), a observação participante diante do método qualitativo é conceituada como sendo “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”. Marconi (2010) explica que a abordagem qualitativa

se trata de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento. Percebe-se então, que a ênfase da pesquisa qualitativa é nos processos e nos significados.

Assim, conforme abordagem qualitativa e o tipo da nossa pesquisa utilizamos como instrumentos de coleta de dados, questionários, formulados com questões abertas para os pais, gravações de áudios de crianças envolvidas, em momentos aleatórios na brinquedoteca, além de entrevistas estruturadas com essas crianças, seguindo um roteiro previamente estabelecido, respondendo propósitos que foram anteriormente definidos. Observação às brincadeiras das crianças na brinquedoteca, também foram consideradas instrumento de coleta de dados.

Para sustentação do enfoque bibliográfico, buscamos respaldo, dentre outros, em estudos desenvolvidos por Bruner (1978); Piaget (1973,1998); Cunha (2001); Kishimoto (2016) e Vygotsky (1984, 1989, 1991, 1998), cujo autor nos aprofundaremos devido aos seus pensamentos enriquecedores e essenciais para esse estudo.

Na estrutura deste trabalho, apresentamos um breve estudo sobre o brincar como direito, respaldado por artigos legais, e pesquisas de teóricos mostrando a importância de tais práticas para construção do sujeito de acordo com os níveis de maturação e desenvolvimento; bem como por uma breve abordagem histórica do surgimento de brinquedotecas e suas respectivas finalidades. E, por fim, uma discussão acerca dos resultados obtidos através dos instrumentos de coleta de dados utilizados. Enfim, neste estudo, que convida ao debate de profissionais que se envolvem com práticas lúdicas na infância, representa nossas reflexões sobre o brincar em brinquedotecas não escolares, quando do meu período de estágio, no mencionado campo de pesquisa, na condição de aluna do Curso de Pedagogia.

2. O DIREITO DE BRINCAR E DE SE DESENVOLVER BRINCANDO

Sabe-se que o brincar é reconhecido por grande parte das pessoas, como sendo uma das principais características da infância, presente na vida de todas as crianças que vivem em condições ditas normais, ainda que muitas delas não compreendam que esta prática estimula e auxilia no desenvolvimento do movimento, equilíbrio, coordenação motora e também pode ser uma forma da criança expressar medos, ansiedades e conflitos, reproduzindo por meio do brincar seus sentimentos e emoções, por isso torna-se necessário um maior aprofundamento neste aspecto, para consolidar e reafirmar tais conceitos garantidos por Lei e pelo Estado.

O Art. 227 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) é claro quando diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Conforme Artigo acima, é obrigação do Estado, não somente oferecer condições para a concretização de nossas necessidades básicas, mas para nossa formação como ser humano, desde os que se encontram em processo de constituição/desenvolvimento, como as crianças.

Muitos estudiosos analisam e discutem, em suas pesquisas, a associação do desenvolvimento infantil com o brincar, nas mais variadas áreas, pois se posicionam, em seus discursos, defendendo que, crianças que brincam se desenvolvem e atingem mais facilmente suas competências e características físicas, mentais e sociais. Com isso, elas são percebidas como alguém capaz de conviver e se relacionar com seus sentimentos, desejos, e situações que naturalmente surgirão em seu cotidiano.

Enfim, é preciso deixar que as crianças e os adolescentes brinquem, é preciso aprender com eles a rir, a inventar a ordem, a representar, a imitar, a sonhar e a imaginar. E no encontro com eles, incorporando a dimensão humana do brincar, da poesia e da arte, construir o percurso da ampliação e da afirmação de conhecimentos sobre o mundo (BRASIL, 2006, p.44).

De acordo com essa análise, vai se quebrando o pensamento que alguns adultos e alguns setores de nossa sociedade têm, acerca do “brincar como passatempo, de momento improdutivo”, além de apontar e introduzir novas maneiras para tornar esta ação ainda mais eficaz e potencializadora de características necessárias para nossa formação plena. Piaget (1973), autor que enfatiza a maturação biológica do ser humano, no qual os aspectos internos prevalecem com relação aos externos, ao discutir os sobre os processos mentais de Acomodação e Assimilação, procura explicar a ação do brincar. Para este autor, esses dois processos “andam” sempre juntos, de maneira que o primeiro promove a busca do segundo para alcançar o equilíbrio necessário ao organismo, já que para ele a criança se desenvolve de dentro para fora.

Conforme Piaget (1998), a primeira linguagem que a criança compreende é a linguagem do corpo, a linguagem da ação. É por meio do corpo que a criança interage com o meio, de acordo com o estágio de desenvolvimento que ela se encontrar. Quando a criança nasce, ele brinca com seu próprio corpo, utilizando seus sentidos e seus movimentos, algum

tempo mais tarde, quando começa a andar, pois seu desenvolvimento biológico assim o permite, ela passa a ter mais contatos e brincar com objetos, descobrindo e manipulando-os conforme seu desejo e comando.

E assim, novos sentidos vão sendo dados ao brincar conforme a criança “amadurece”, já, que a mesma utiliza de suas experiências para se desenvolver, pois, é através da construção de hipóteses que ela usufrui de experiências anteriores tomando, como base para novas construções. Por isso que tantos especialistas defendem o contato da criança com objetos e espaços lúdicos o mais cedo possível, para que assim, ela desde sempre possa ser estimulada a desenvolver suas habilidades físicas, motoras, mentais e cognitivas.

De acordo com Piaget, aos poucos a brincadeira simbólica vai tomando dimensões abrangentes e, posteriormente, o predomínio do egocentrismo da criança vai dando lugar ao brincar coletivo, espaço esse, que a brincadeira se socializa, e ela passa a respeitar as regras sociais primeiramente nos jogos, conseqüentemente em casa, na escola, enfim na vida. Segundo Oliveira (2004), quando uma pessoa joga com a utilização de regras, as habilidades e competências cognitivas e sociais aí desenvolvidas passam a fazer parte de sua estruturação mental, podendo ser utilizada mais tarde.

Quanto ao jogo, Piaget (apud WAJSKOP, 1995, p. 63) nos diz que: “Os jogos fazem parte do ato de educar, num compromisso consciente, intencional e modificador da sociedade; educar ludicamente não é jogar lições empacotadas para o educando consumir passivamente; antes disso é um ato consciente e planejado, é tornar o indivíduo consciente, engajado e feliz no mundo”. Diferentemente de Piaget, Vygotsky (1998, p. 131) que privilegia o ambiente social, um dos representantes mais importantes da psicologia histórico-cultural, diz que:

O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina desejar, relacionando seus desejos a um eu fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico da ação-real e moralidade. (VYGOTSKY, 1998, p. 131).

Vale ressaltar que para a concepção sócio cultural a essência da vida humana é adquirida por meio da cultura, juntamente com a criatividade e a imaginação, não nascendo com ela ou surgindo naturalmente. Já sabemos que as crianças aprendem brincando, mas é necessário enfatizar que essa aprendizagem depende da idade e da maturação biológica em que se encontra cada um, por isso deve-se ter cuidado com os objetos e as ações utilizadas para estimular as funções psicológicas superiores, bem assim como nos trouxe Vygotsky, atendendo suas necessidades únicas, intransferíveis e individuais, pois nem sempre duas

crianças que tenham a mesma idade terão a mesma capacidade e facilidade para pensar, refletir e agir.

Ele ainda ressalta, que, por muitas vezes quando a criança brinca cria uma situação imaginária, situação essa, que representa o meio em que ela vive, pois reproduz as ações dos adultos com os quais ela convive e da maneira pela qual ela o observa e o enxerga. Nesse contexto, nota-se que mesmo sem ter clareza da ação do outro ela o imita, ao mesmo tempo em que sua imaginação e criatividade vão adaptando novas situações, permitindo-lhe que evolua a tal ponto de deixar de imitar, ao mesmo tempo em que passa a realizar as atividades conscientemente.

Vygotsky (1991) compreendeu, em suas investigações, que as características ou elementos fundamentais da brincadeira são: o faz de conta, a imitação e as regras, e encontra na junção entre o uso do instrumento e do símbolo a peculiaridade para o comportamento humano, além de considerar que “a essência da brincadeira é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo de percepção individual – ou seja, entre situações no pensamento e no campo da percepção”. (VYGOTSKY, 1991, p. 118). Segundo esse mesmo autor,

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado por meio da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz. (VYGOTSKY, 1984, p. 97).

Vygotsky (1989), ao contrário de Piaget, considera que o desenvolvimento ocorre ao longo da vida e que as funções psicológicas superiores, são produzidas e estruturadas ao longo dela. Vygotsky não estabelece fases para explicar o desenvolvimento como faz Piaget, mas, ele determina níveis de desenvolvimentos, sendo que para ele o sujeito é um ser interativo que ganha suas características na mediação com o mundo, através de instrumentos e signos. Para este autor o jogo não é algo inerente à condição de ser humano, ele é resultado das relações sociais e das experiências de vida, que por ser um elemento produzido sócio-culturalmente, varia de acordo com o momento histórico, espaço e ambiente em que se vive.

J. Bruner (1983), dentre tantos estudiosos da área, também se destaca por relacionar o brincar, a aquisição de regras e o desenvolvimento da linguagem. Bruner assiná-la que a criança, quando brinca, não está em busca de respostas ou resultados, ela simplesmente age por impulsos coordenados pelo prazer que sente ao brincar livremente por se sentir liberto de

qualquer pressão. Enquanto o brincar é algo livre, que não é direcionado por imposições, objetivos de aprendizagem e outros afins, o jogo é uma atividade física ou intelectual norteado por regras e que em seu fim determina um indivíduo como vencedor ou jogador. Segundo Kishimoto (2016, p. 149):

O jogo livre oferece à criança a oportunidade inicial e a mais importante para atrever-se a pensar, a falar e a ser ela mesma. Combinar momentos de brincadeira livre e atividades orientadas parece ser estratégia recomendada pelo autor (KISHIMOTO, 2016, p. 149).

Bruner (1978, p. 45) entende que a criança aprende ao solucionar problemas e que o brincar contribui para esse processo, e enfatiza que é por meio da interação com outros sujeitos que a criança internaliza as regras das brincadeiras, aprende a falar e conseqüentemente consegue alterá-las da forma que melhor lhe convém. Ainda segundo Kishimoto (2008, p.151),

Bruner valoriza a brincadeira desde o nascimento da criança, como elemento constitutivo de ações sensório-motoras, que respondem pela estruturação dos primeiros conhecimentos construídos a partir do que denomina saber-fazer (KISHIMOTO, 2008, p. 151).

Ao recorrermos à etimologia da palavra “brincar”, descobrimos que a mesma nos revela os diferentes sentidos atribuídos a esta prática. Sendo ela de origem latina, é também resultado das diversas formas que assumiu a palavra vinculum, passando por vinclu, vincru até chegar a vrinco e, por fim, brinco. Na mitologia grega, brincos eram os pequenos deuses que ficavam entretendo, inebriando e adornando a deusa Vênus, e assim em meio as suas constantes adaptações virou brincar, sinônimo de diversão.

Segundo o dicionário Aurélio (2000, p. 131), muitos significados são aferidos a palavra brincar entre eles: *“enfeitar com ornatos; rendilhar; divertir-se; entreter-se fingindo-se de; dizer ou fazer algo por brincadeira; brincar,; zombar, ”*, ou seja, brincar é algo muito corrente em nossas vidas, ou pelo menos deveria ser. Percebe-se que mesmo diante de tantas mudanças gráficas o sentido da palavra acima indagada continua com suas raízes de cunho provedor de bem-estar, harmonia, alegria e prazer, que envolve sujeito e objeto desta ação.

De acordo com a história por muito tempo, o brincar foi visto sem grande importância, porém a partir dos anos 50 do século XX, nota-se um interesse e uma atenção maior voltada para os brinquedos, os jogos e as brincadeiras, devido aos avanços das pesquisas e estudos psicológicos relacionados à criança. A ação do brincar pode ocorrer em qualquer faixa etária, mas é no início da vida que ela tem uma função fundamental, capaz de determinar, promover

e condicionar o ser humano a viver como ele realmente é, como uma criança sem medos, preocupações ou nenhuma pretensão, ela naturalmente brinca.

Essa naturalidade está cada vez mais ameaçada, neste mundo caracterizado pelas rápidas e inevitáveis transformações, pois a magia e o encantamento do brincar, cada vez mais se perdem nesse contexto de incertezas, imposições e falsas ideologias, cuja certeza para alguns é a de que essa ação é tempo perdido e jogado fora, contribuindo com uma visão completamente deturpada que pode comprometer e até mesmo prejudicar o desenvolvimento da criança por toda vida.

Mesmo predominando este tipo de pensamento relacionado ao brincar, como passa tempo, no decorrer dos séculos, constatou-se por meio de estudos e pesquisas que este ato transcende a simples diversão, sendo este o principal meio de expressão da criança, um caminho que lhe possibilita observar e interagir com o ambiente, as pessoas e o mundo em que vive. Hoje, saber que o brincar é importante, já não é mais novidade, novidade mesmo, é saber que isso é algo tão sério, que apesar de garantido por lei como direito, a exemplo do que consta no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Declaração Universal dos Direitos da Criança, ocorre um notório descumprimento desse direito, principalmente quando se observa práticas escolares, ou até mesmo a organização do tempo para brincar, por ambientes domiciliares.

Tanto quanto ter acesso a uma boa alimentação, a ter saúde e educação de qualidade – direitos defendidos por lei e reconhecidos como essenciais – o brincar também precisa ser visto e entendido, por todos como um direito básico e crucial ao desenvolvimento infantil, uma vez que ele é garantido por vários documentos. A começar pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) que determina em seu artigo 24 “o direito ao repouso e ao lazer”, posteriormente, em 20 de novembro de 1959, no decorrer da Assembleia Geral das Nações Unidas, que representantes de centenas de países aprovaram a Declaração dos Direitos da Criança, uma versão adaptada do documento citado anteriormente, só que voltada unicamente para nossos meninos e meninas, estabelecendo em seus artigos 4 e 7, “direito à alimentação, à recreação, à assistência médica” e a “ampla oportunidade de brincar e se divertir”.

Mais tarde, a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), no artigo 227 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), em seu artigo 16, estabelece o direito a “brincar, praticar esportes e divertir-se” que recentemente foi reforçado e fortalecido com o Marco Legal da Primeira Infância (Lei 13.257/2016), garantindo “a proteção, o desenvolvimento e a dignidade das crianças brasileiras de até seis anos, além de prevê a

singularidade e o direito de brincar das crianças, a participação delas na construção de políticas públicas relacionadas à infância e também a preparação de profissionais especificamente para cuidar delas nos primeiros seis anos da vida, medidas que ampliam a saúde, a educação e o afeto que recebem”.

Como vemos a legislação brasileira admite claramente o direito de brincar, porém ainda não oferece as condições para que esse direito seja exercido plenamente por todas as crianças, levando assim várias organizações a defenderem e abraçarem essa causa, entre elas a IPA Brasil, que compõe a Rede Nacional Primeira Infância, ao lado de outros afins. Até agora já vimos o quanto as brincadeiras e jogos são importantes para um desenvolvimento saudável de nossas crianças e que as mesmas têm direito a tudo isso, mas não é só apenas o Estado que tem essa obrigação, a família e a sociedade também.

Lamentavelmente nossa realidade nos mostra que o problema acontece por inúmeras razões, entre eles: a violência presente em nossa sociedade, trabalho infantil e até a falta de tempo por parte dos pais que atribulados com a correria do cotidiano, atribuem essas “obrigações” para outras esferas, como a escola. A escola em sua competência, muitas vezes preocupada em passar os conteúdos determinados pelos currículos, não preenche a lacuna necessária, nem tão pouco se aproveita dos benefícios gerados e permeados pelas brincadeiras e jogos. De acordo com Froebel, (1912, p.55 apud Kishimoto, 2016, p. 68):

[...] A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo- da vida natural interna do homem e de todas as coisas, Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo... A criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do seu bem e de outros... (FROEBEL, 1912, p.55 apud KISHIMOTO, 2016, p. 68).

O espaço denominado brinquedoteca, que mesmo não tendo surgido a princípio para auxiliar o desenvolvimento infantil, hoje após tantas pesquisas e descobertas, acontece com objetivos intencionados ou não, mas que predomina a alegria, diversão, prazer, enfim, onde a criança é o sujeito e autor da sua própria história.

3. BRINQUEDOTECA: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS E INVESTIGATIVAS

Sabendo da importância de brincadeiras e jogos para o desenvolvimento integral de crianças, torna-se essencial a criação de ambientes que ofereçam condições pra esse

desenvolvimento, através de situações que despertem capacidades existentes na criança, às quais ganham reforço, no nosso entendimento, pela ajuda de um mediador, profissional habilitado, que pode contribuir para, além do exercício do direito de brincar que tem a criança, para a otimização do seu potencial cognitivo, social e emocional. Neste item, iremos abordar sobre a relevância do espaço da brinquedoteca na potencialização desse desenvolvimento, não deixando de focar aspectos históricos inerentes a este espaço.

A Brinquedoteca é um espaço lúdico, colorido, rico em informações, que provoca a curiosidade e dá vida a imaginação, capaz de permitir entretenimento, prazer, alegrias, encontros, promover a interação, além de propiciar desenvolvimento e aprendizagem em setores fundamentais, tais como: afetivo, cognitivo, comportamental, etc.

As primeiras brinquedotecas surgem em Los Angeles no ano de 1934, época de forte crise e intensa depressão econômica dos norte-americanos, sob o nome de Toy Loan, após o dono de uma loja perceber que crianças estavam roubando pequenos brinquedos. Irritado, o proprietário da loja procurou o diretor da escola das crianças para reclamar, este por sua vez, preocupado com o rumo que essas ações poderiam tomar, e por compreender que um dos motivos pelo qual as crianças estariam a agir assim, teve a brilhante ideia em transformar uma garagem, num local para empréstimos de brinquedos, atitude essa, que além de dar oportunidades a quem não podia brincar, despertou e estimulou-nos mesmos, a responsabilidade, o comprometimento e valores pertinentes a cada um.

Em 1963, essa ideia foi sendo desenvolvida e renomeada por Lekotec, em Estocolmo na Suécia, por duas professoras que também eram mães de crianças na época denominadas especiais, que além de emprestar os brinquedos, orientavam as outras mães que tinham filhos iguais aos seus, numa perspectiva em usufruir do aproveitamento, que os mesmos poderiam oferecer, desde que manuseados de forma correta, intensificando os resultados da aprendizagem. Mais tarde na Inglaterra em 1967, surgiram as Toy Libraries (biblioteca de brinquedos), com o mesmo propósito das demais, sendo que a partir daí, surgiram outras relevâncias como: orientação educacional, socialização de pessoas com deficiências, resgates de culturas, etc.

Devido as necessidades de cada lugar, das novas sociedades e principalmente de cada contexto, pudemos notar uma considerável mudança na objetividade da brinquedoteca, de maneira que a desenvolveram, adaptaram e a transformaram no que ela representa nos dias atuais. No Brasil:

A montagem dos primeiros espaços para brinquedoteca começou com a ludoteca da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em

1973, que funcionava sob a forma de rodízio de brinquedos entre as crianças. Com o acervo precário, elas levavam por empréstimo o brinquedo para casa por um tempo determinado. Um novo encontro era marcado e os brinquedos eram novamente trocados (BALTHAZAR, 2006).

Somente em 1981 foi montada a primeira brinquedoteca do país, cujo termo foi criado pela pedagoga Nylse Cunha, sendo ela mesma diretora de sua criação, denominada, Brinquedoteca Indianópolis, em São Paulo. Para Cunha (2001, p.15), “a brinquedoteca pode existir até mesmo sem brinquedos, desde que outros estímulos às atividades lúdicas sejam proporcionados”. Vale salientar que aqui no Brasil, já existia espaços de lazer, de recreação, mas não eram brinquedotecas preparadas, as brincadeiras não eram livres, era sempre direcionadas, o ambiente por si só não permitia que as crianças pudessem criar novas situações, nem tão pouco ter acesso a novas experiências.

Também não existia o brinquedista, profissional preparado para criar um ambiente lúdico, especializado, capaz de despertar nos frequentadores a vontade de brincar, sua função vai além do observar, ele também é responsável pela organização da sala, manutenção dos brinquedos até a limpeza dos mesmos. Esse espaço privilegiado para “o brincar” acontecer com liberdade, segurança e acolhimento, no qual a criança se sente livre para se expressar tranquila e em que ela é agente de sua própria experiência deve ser constituída por diversos brinquedos e jogos.

Um aspecto a ser levado em conta é a quantidade de exemplares de brinquedos ou objetos significativos colocados à disposição. A oferta de múltiplos exemplares pode facilitar a comunicação, na medida em que propicia ações paralelas, de imitação, bem como ações encadeadas de faz-de-conta (BRASIL, 1998 p.33).

Existem três tipos de características que ajudam e que devem ser levados em conta na hora de criar uma brinquedoteca: a faixa etária, o contexto e a operacionalização (fixa, móvel, circulante e itinerante), pois são elas que definirão que tipo de brinquedoteca surgirá. As brinquedotecas podem ser destinadas a um só tipo de frequentador: bebê, crianças, adolescentes, adultos e até mesmo idosos, mas ela também pode ser combinada, mesclando a variedade de frequentadores, uma vez que isso deve ser decidido e definido desde seu planejamento, levando em consideração o contexto em que ela se encontra.

O desenvolvimento da capacidade de se relacionar depende, entre outras coisas, de oportunidades de interação com crianças da mesma idade ou de idades diferentes em situações diversas. Cabe ao professor promover atividades individuais ou em grupo, respeitando as diferenças e estimulando a troca entre as crianças. (BRASIL, 1998, p. 32).

Podemos encontrar muitos tipos de brinquedoteca, dentre eles: a hospitalar, escolar, empresarial, terapêutica, a de centros de esporte e lazer, etc. Seja qual for a brinquedoteca, deve-se levar em conta os três requisitos acima citados, e tomadas decisões importantes, direcionados a sua especificidade, como o tipo de piso, teto, paredes, materiais a serem expostos, qualidades e organização dos objetos, dentre outros.

Existem Leis que garantem a obrigatoriedade e o funcionamento das brinquedotecas em várias instituições, como por exemplo, a hospitalar, por meio da Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, que dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação com profissionais capacitados e preparados, que não só ajudem na promoção da saúde, mas que garantam o bem-estar físico, social e psicológico. Por mais que se fale em brinquedoteca como espaço lúdico, sem intencionalidades, dependendo do país ainda é possível encontrar espaços cuja objetividade é direcionada ao ensino aprendizagem, no qual a criança vai num horário para a escola e no outro para esses ambientes para suprir necessidades advindas de dificuldades escolares, mesmo existindo uma variedade de tipos de brinquedotecas, para alguns países, a ênfase é dada num sentido específico.

No Brasil, os ambientes lúdicos se concentram em hospitais, escolas e centros culturais, porém, essas opções vêm se expandindo em outras áreas como em restaurantes, clubes, academias, entre outros, o que as distingue, são os fins para o qual foram destinadas e o contexto nos quais estão inseridos. Não existe o melhor jogo ou brinquedo, o que deve ser considerado é que o bom brinquedo é aquele que convida e que instiga a criança a brincar, expressar seus sentimentos, seus conhecimentos, suas necessidades de desafios, suas emoções, que a faça demonstrar o que está intrínseca nela, desde que atenda a etapa de desenvolvimento, suas carências emocionais, socioculturais, físicas e intelectuais.

4. A BRINQUEDOTECA NO CENTRO DE ATIVIDADES E LAZER: UM ENCONTRO COM OS DADOS DA NOSSA INVESTIGAÇÃO

É notório que as pessoas se encontram cada vez mais ocupadas com trabalhos, viagens, esportes, enfim, com uma variedade de ocupações e não é diferente com as crianças, pois muitos pais preenchem o tempo dos filhos com escola ou creches, muitas vezes integral, aula de reforço, esportes, danças, etc. Isso é causado por vários motivos, entre eles estão a falta de tempo dos pais para ficar com seus filhos, a violência urbana e a busca por um melhor desenvolvimento social e físico, sendo este último assumido e usado como desculpa pela

maioria dos pais. Neste item iremos discutir dados do nosso estudo, onde esse “tempo a ser preenchido”, em espaços especializados, pode ser percebido como relevantes ao desenvolvimento infantil.

4.1 Considerações sobre a pesquisa e o campo de investigação

As crianças que frequentam o Centro de Esportes e Lazer, localizado na cidade de Campina Grande – PB, onde foram coletados os dados aqui analisados, através de observações, não fogem dessa realidade acima destacada.

Vale ressaltar, inicialmente, que o mencionado Centro oferece, durante a semana, musculação, dança (zumba), futsal, natação, ginástica (artística e rítmica), Pilates e Hidroginástica, no atendimento à trabalhadores da indústria, recentemente do comércio, bem como à comunidade em geral. Os custos para garantia desses atendimentos sofrem variação, conforme a categoria a que pertence os interessados. O Centro promove campeonatos entre escolas, e com alguns parceiros, em algumas modalidades, além de oferecer Lazer aos domingos com a abertura da piscina para as famílias associadas.

Muitos eram os pais que se queixavam de não ter onde, nem com quem deixar os filhos para poder praticar exercícios físicos, pensando nisso, a administração do Centro resolveu criar um ambiente que unisse segurança, cuidado e brincar. Tal ambiente foi denominado de brinquedoteca. Em 1º de março de 2017 começaram as atividades na brinquedoteca. Esse espaço de brincar não tem custos para os pais, conta com uma estagiária do curso de Pedagogia, e funciona de segunda a sexta-feira, respectivamente nos horários 16:00 às 20:00hrs e 15:00 às 19:00hrs.

Dentre as regras para frequentar a brinquedoteca em questão destaca-se: uso do espaço somente por crianças de até 12 anos, sendo que a idade mínima é caracterizada por aqueles que tenham independência para ir ao banheiro, uma vez que de acordo com a vigilância sanitária, a sala não tem estrutura para troca de fraldas em crianças que ainda a usem, crianças com dois ou três anos que já não usem fraldas, podem frequentar o espaço desde que, acompanhado por irmãos ou responsáveis, os brinquedos devem ser guardados sempre que utilizados, além de não ser permitida a saída dos brinquedos, bem assim como a entrada de alimentos.

As paredes da sala são decoradas com papel de parede colorido que destacam desenhos como bola, boneca, trenzinhos, formas geométricas, aviões, além de ter 2 mesas com 4 cadeiras cada, para crianças menores e uma mesa com quatro lugares, para crianças

maiores. Possui tatames em locais específicos da sala, e quatro puffs, que são muito utilizados e explorados pelas crianças em suas brincadeiras. Esse espaço lúdico contém ainda uma variedade de jogos, livros, brinquedos, que variam desde jogos de cartas, de montagem, dominós, quebra-cabeças a jogos de estratégias e pedagógicos, contempla ainda, TV, DVD, e Xbox. Ela disponibiliza ainda para as crianças papel A4, lápis grafite, giz de cera, lápis de cor, hidrocor, tinta guache, massa de modelar, tinta guache e pincéis.

4.2 Nosso estágio, nossas observações, nossas escutas, nossas reflexões

O estágio na brinquedoteca desse Centro de Esportes e Lazer surgiu como uma possível complementação de horas obrigatórias estipuladas pela Universidade Estadual da Paraíba. Tendo consciência das infinitas possibilidades permeadas em tal ambiente, decidi enveredar-me por ser algo novo para mim e para o mundo educacional, uma vez que o surgimento das brinquedotecas em espaços não escolares é recente e inovador. O referido estágio está sendo realizado de 1º de março de 2017 a 30 de junho de 2018, e atende em sua maioria, filhos cujos pais estão praticando atividades físicas, natação e Pilates, além de umas poucas crianças que sabendo da demora de seus pais para vir buscá-los, após o término de suas atividades, se dirigem a brinquedoteca para os esperarem.

Um espaço como esse não possui ações lineares, é um mundo de incertezas. Nele, não é necessário a matrícula da criança, nem pagamento para frequentá-lo. Os pais não sentem obrigação, nem assumem um compromisso em levá-los diariamente, uma vez que são poucos os que frequentam o Centro de Esportes e Lazer, assiduamente. Quase sempre chega crianças novas, e outras deixam de ir, além da variação de idades, tamanhos, etc.

Ao entrar na brinquedoteca, as crianças são indagadas quanto ao nome e idade, dados esses que são registrados numa lista, juntamente com a hora da entrada, saída, e de qual área advém, permanecem por aproximadamente uma hora e meia, algumas vezes de maneira inconstante, uma vez que a sala não dispõe de água e os mesmos com a correria, se esquecem de trazê-los. Na sala, as crianças são livres para escolherem o que quiserem para brincar, da maneira que quiserem (pelo menos quase sempre, já que não é permitido correr dentro da sala), desde que tenham cuidado para não derrubar ou machucar crianças menores. Nem todos os brinquedos estão acessíveis, por estarem em prateleiras mais altas, portanto elas têm liberdade em solicitar minha ajuda sempre que necessário, inclusive de brincar comigo, se as mesmas assim, quiserem, claro que a prioridade é mediar a interação, estimulando as crianças a brincarem entre si.

Jogar com a criança numa perspectiva diagnóstica permite ao profissional reconhecer e compreender o seu mundo interno, suas necessidades, ansiedades básicas e os mecanismos que se encontram na base dessas relações objetais. Permite, ainda, conhecer e reconhecer como os vários ambientes onde a criança vive configuram sua forma de perceber a si mesma e a sua relação com o mundo (Azevedo, apud Bossa, 1996, p. 65).

Durante a entrevista, para iniciar nosso estágio, foram repassadas o que seria atribuições na brinquedoteca, enquanto estagiária. Uma das orientações foi a de cuidado para que as crianças não se machucassem, não saíssem da sala e nem danificassem os brinquedos. Percebi que essas orientações tinham um caráter de apenas assistência e cuidado, como se minha presença fosse tão somente para vigiá-los e manter a ordem. Mas, não tem como ser assim, não há como não se envolver, e tentar suprir as lacunas que essas crianças têm, seja com prazer, aprendizagem, ou pelo simples fato deixá-las se expressar. Não vou dizer que criamos atividades específicas para trabalhar com eles, porque estaria mentindo, a não ser algumas pinturas que oferecia eventualmente, escolhidos depois de conversar com os mesmos.

A princípio fiquei insegura por não saber como agir, mas o contato com elas, no dia a dia, foi me mostrando qual caminho seguir, pois cada criança que chegava percebia como um ser em particular, e assim como o brincar se aprende, a convivência nos ensina, ressaltando, que mesmo sendo um ambiente não escolar, é reconhecido como provedor de informações capazes de produzir conhecimentos nos que frequentam.

As crianças quando chegavam pela primeira vez, um tanto assustadas, tendem a sentar perto de mim, ou pelo menos tento me aproximar por meio de brinquedos ou qualquer outro objeto que tenha lhes chamado a atenção, nesse momento, incita por meio do diálogo de acordo com a predisposição de cada um, uma conversa divertida falando do que ele mais gosta, da escola, dos amigos, enfim, tudo que pareça ser importante para ele, criando assim um vínculo e uma confiança que permitirá uma maior aproximação, facilitando na interação com o ambiente e com os demais da sala.

As vezes percebo uma certa resistência de aceitação por parte de um ou outro, por razões egocêntricas ou até mesmo preconceito, mas providencio para que isso se encerre antes mesmo que comece promovendo brincadeiras coletivas, em que eles precisam se reunir e discutir para poder responder as questões sugeridas. Quando o grupo que está na brinquedoteca já se conhece, deixo-os à vontade para escolherem o que querem fazer e fico apenas a observar, intervendo sempre que necessário, como por exemplo quando divergem

sobre alguma regra do jogo, ou quando algum tenta ser mais esperto do que outro, trapaceando.

Alguns querem somente conversar e pedem para que eu os acompanhe em desenhos ou pinturas para me contar como foi seu dia, sua viagem no final de semana, o escorregão que tomou na calçada, ou até mesmo a paquera que tocou em seu casaco, caso esse que diga de passagem nunca mais será lavado. Esses momentos de estágio é de suma importância, pois permite que o educador se prepare para atender as necessidades de integrantes de uma sociedade que se transforma aceleradamente, mudanças essas que temos que acompanhar, além de permear o encontro e a vivência com uma realidade que envolve uma variedade de diferenças nos contextos, econômicos, sociais e culturais, fatores presentes e determinantes no meio em que vivemos.

Meu papel, enquanto estagiária, era, no nosso entendimento, facilitar a interação necessária entre os sujeitos envolvidos, bem como entre os sujeitos e objetos utilizados no brincar, quando estas optavam por brincar sozinhas com objetos que lhes eram disponíveis, uma vez que criança pode não precisar de um outro para brincar, ela é capaz de brincar sozinha, não para gastar energia, mas para sentir prazer, se divertir, ser criança, enquanto eu atuo de forma a intervir mostrando o melhor caminho e oferecendo condições para que ela obtenha o que veio procurar. Por tudo isso que vimos até aqui, é que me propus a realizar este estudo.

Dessa forma, decidi analisar por meio de um questionário formulado com algumas questões abertas, com relação aos conhecimentos dos pais das crianças que frequentam a brinquedoteca do Centro de Esporte e Lazer, para poder identificar se já conheciam outras brinquedotecas, se sabiam de sua relevância, e se já tinham estado nesse ambiente com seus filhos. Com o objetivo de reforçar ou trazer alguma informação nova sobre o que já havia sido constatado no decorrer deste estudo, foi questionado, também, aos pais se eles já tinham ouvido falar no termo brinquedoteca. Sobre essa última questão, dos sete pais que responderam, seis informaram que já tinham informação sobre brinquedotecas, através da TV, em creches, clínicas, etc, Um dos pais confirmou nunca ter ouvido falar, em brinquedoteca.

Dos sete pais, apenas dois já haviam levado seus filhos a uma brinquedoteca, o que é considerado pouco, uma vez que eles afirmaram ter conhecimento da importância desse ambiente, pois quando perguntados, como definiriam esse espaço e qual sua importância, eles defenderam ser um espaço agradável de entretenimento, lazer e recreação, provedor de interação entre as crianças, que permeia uma troca de conhecimentos, estimulando a

criatividade, a imaginação, além de desenvolver o intelecto, aprimorando seus filhos enquanto seres humanos.

Por fim, quando questionados sobre o que a criação da brinquedoteca representava para a vida dos mesmos, todos foram unânimes ao afirmar que esse espaço é sinônimo de segurança, apoio e tranquilidade para eles, já que podiam praticar suas atividades físicas, sem se preocupar por saberem que estavam por perto, se divertindo e aprendendo “coisas novas”, através de leituras e brincadeiras. Porém constata-se haver contradição entre o discurso e o comportamento dos pais, já que suas ações demonstram que, o que objetivam ao trazer seus filhos passa longe do que falam, e isso é notório na fala deles, quando, por exemplo, comentavam ao observar uma criança lendo na brinquedoteca: “Olha como aquela criança está quietinha lendo aquele livro, na próxima vez você ler também” (FALA ESPONTÂNEA DE UM DOS PAIS, registrada em nosso diário de campo).

Alguns pais parecem não compreender que os jogos e brinquedos são instrumentos que possibilitam o desenvolvimento e a aprendizagem e dizem: “Em vez de você brincar você poderia ler um livro, você aprenderia muito mais, não é não?” (FALA ESPONTÂNEA DE UM DOS PAIS, registrada em nosso diário de campo). Ainda há aqueles que preferem que os filhos corram, pulem e extravasem na sala, no entanto, não para se divertir, mas para perder peso, por questões físicas da criança e falam ao observá-lo: “Isso André (nome fictício), quero ver se você não perde essas gordurinhas agora” (FALA ESPONTÂNEA DE UM DOS PAIS, registrada em nosso diário de campo).

Em todos os casos acima, a resposta que as crianças davam, era o silêncio, talvez por medo, receio, ou simplesmente por respeito, no entanto, quando voltam outro dia, fazem o que sentem vontade, o que vieram para fazer: brincar. Por fim, são raros, mas existiam os pais, que, ao chegarem para pegar seus filhos, lhes perguntam: “E aí? Como foi? Gostou? Brincou? O que você fez?...” (FALA ESPONTÂNEA DE UM DOS PAIS, registrada em nosso diário de campo).

Já as crianças, sempre que questionadas sobre o que gostam de fazer na brinquedoteca, a primeira coisa que dizem é, brincar. Como veremos no meu diálogo e Sara, 5 anos (nome fictício):

ESTAGIÁRIA: - Sara, porque tu gosta de vir para a brinquedoteca?

SARA: - Porque pode brincar...

ESTAGIÁRIA: - Mas tu não pode brincar em casa também?

SARA: - Sim, mas em casa quando não tem escola a gente fica entediado.

ESTAGIÁRIA: AH! Fica entediado (risos) tu sabe o que é entediado?

SARA: - Sei. Fica triste em casa!

ESTAGIÁRIA: - E a salinha é isso é, alegria?

SARA: - É...

Existem alguns casos de crianças que vem a brinquedoteca para encontrar amigos, pois se sentem sozinhos, e quando os colegas com os quais eles têm maior afinidade não vêm, ficam tristes e se eu não inserir em outro grupo, eles se isolam como acontece com Marcos sempre que João não vem.

MARCOS: Tia, João não vem?

ESTAGIÁRIA: Ele deve estar chegando.

MARCOS: Mas e se ele não vier?

ESTAGIÁRIA: Você brinca com os outros coleguinhas... Por que você não vai brincar com Carlos e Júlia, enquanto ele chega?

MARCOS: Eu queria João.

Dependendo do grupo e da quantidade de crianças que estiver comigo na brinquedoteca, é possível direcionar algumas atividades com jogos e brincadeiras, porém quando este grupo aumenta para mais de quatro, (digo quatro, porque esse é o limite da maioria da quantidade de jogadores dos jogos disponíveis) eles já não conseguem mais se conter e o que elas mais gostam de fazer é correr. No entanto, certo dia elas estavam correndo na sala e eu os repreendi, dizendo que não podia correr ali (já que eu havia sido repreendida por tê-los deixado correr em outra oportunidade), quando um deles me questionou: “E isso aqui não é uma brinquedoteca?” (FALA DE UMA DAS CRIANÇAS, registrada em nosso diário de campo).

Por um momento fiquei sem ação, mas reagi para não demonstrar medo ou incapacidade, pois lá no fundo sabia que ele tinha razão, respondendo-lhe que quando dizia que eles podiam brincar do que quisessem, eles tinham que escolher entre os brinquedos e jogos expostos para brincarem, mas que o lugar tinha regras e obedecê-las era um dos critérios para frequentar a brinquedoteca, inclusive estava no quadro dos combinados.

Quanto às entrevistas que foram feitas com as crianças, suas respostas foram unânimes, pois sempre que questionadas sobre o que mais gostavam de fazer na brinquedoteca eles respondiam: brincar e, quanto ao que os motivavam eles a estarem ali quase todos os dias, diziam que era por causa da tia e dos colegas. O que me leva a perceber que eles têm necessidade de ter alguém por perto, para desabafar, contar como foi o dia em casa, na escola, na visita ao médico, pois muitas vezes quando chegam à sala, depois de me cumprimentarem e esperarem os pais saírem e, logo, me confidenciam suas vivências e suas experiências diárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido as grandes mudanças em nossa sociedade, existe hoje uma tendência em apressar a passagem pela infância, ocupando as crianças com inúmeras atividades esportivas, escolares, ou com outras atividades que tentam substituir a necessidade de brincar pela vontade em aprender de forma sistemática, isso implica dizer que a necessidade natural de descoberta se perde em meio às imposições do meio e as brinquedotecas surgem como ambiente propício para desacelerar e talvez frear ainda que não intencionalmente tais práticas.

A infância marca a vida de todo e qualquer indivíduo e o brincar tão presente nesta fase, ou pelo menos deveria ser, nunca deve ser deixado de lado, esquecido, mas, pelo contrário, deve ser estimulado, uma vez que o adulto a ser constituído, é consequência e resultado da criança de agora. As brinquedotecas não escolares, não tem nenhuma intenção pedagógica, e representa a chance de continuar brincando livremente, num ambiente criado com esse propósito, sem medo e sem culpa, tendo acesso a uma grande quantidade de jogos e brinquedos, sejam eles fabricados pelas próprias crianças ou comprados novos em lojas, a livros que os permitirão conhecer o mundo sem sair do lugar e que servirão de ponte entre as mesmas e as inúmeras possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem.

Sendo o brincar uma atividade pertencente ao ser humano, com maior ênfase na fase infantil, consolida-se cada vez mais como um instrumento essencial para o desenvolvimento da criança, implicando atenção e envolvimento. O profissional responsável por esse ambiente deve estar preparado para os imprevistos que surgirão por parte dos frequentadores e também a quem ele é subordinado, deve buscar conhecimento que o ajude a contribuir da melhor maneira possível para que as crianças aprendam a respeitar diferenças físicas, sociais, econômicas, a entender outras culturas e assimilar regras e valores necessários para a boa convivência com os demais, se mantendo acessível e atento ao que ocorre para interferir sempre que preciso.

Quanto às crianças, fica claro que o que todas elas querem é ser feliz, brincando, conversando, estando com outras pessoas ou não, é um mundo que dependendo do momento elas te deixarão entrar ou apenas observar, para as mesmas, o meio não importa, desde que elas se realizem e encontrem significados no que vieram buscar, para assim continuar construindo e reconstruindo hipóteses que serão utilizadas ao longo da vida, nesse contexto não escolar que a brinquedoteca possibilita.

THE RIGHT TO PLAY AND DEVELOP BY PLAYING: OBSERVATIONS FROM A PEDAGOGY TRANSFER TO A NON-SCHOOL TOY

ABSTRACT

This article analyzes the importance of the right to play, autonomously, children attending a Sports and Leisure Center, as a trainee in Pedagogy. Without pretending to exhaust the subject, I tried to point out aspects and arguments that express the usefulness and importance of the existence of toy libraries in non-school spaces. The main authors who contributed to this analysis were Bruner (1978), Vigotsky (1984, 1989, 1991, 1998), Piaget (1973,1998), Cunha (2001) and Kishimoto (2016). The study was characterized as qualitative, of the field research type. The instruments of data collection were: questionnaires, with open questions, for the parents of the children attending the toy library; interviews with a pre-elaborated questionnaire for these children; as well as observations of the same and spontaneous speech of their respective parents, recorded in field diary. The Leisure and Activity Center was constituted as our field of investigation, in which 11 children, aged between 4 and 12 years, were selected as subjects of the research, according to attendance, as well as their parents , because they are the agents conducting them to the toy library. The study evidenced, among others, that the discourse of parents is often contradictory to their behavior, even if they recognize the benefits that this environment promotes for their children. We conclude that playing is an activity characteristic of childhood, which is consolidated as essential for the development of the child, in all its aspects, and the toy library, as a provider of such practices, promotes this development in an unquestionable, playful and enjoyable way.

Keywords: Play; Child; Non-school toy library.

REFERÊNCIAS

A Brinquedoteca em expansão mundial: Breve relato atual. Disponível em:<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/422/a-brinquedoteca-em-expansao-mundial--breve-relato-atual>. Acessado em 05 de maio de 2018 às 21:46hrs.

ARAGUAIA, Mariana. **Importância dos jogos segundo Vigotsky**. Disponível em:<<https://educador.brasilecola.uol.com.br/comportamento/a-importancia-dos-jogos-segundo-vygotsky.htm>>. Acessado em 06/05/2018 as 22:03hrs.

ARAÚJO, Rafaela Albuquerque Valença de. **Abordagem Qualitativa Na Pesquisa Em Administração: Um Olhar Segundo a Pragmática da linguagem**. Disponível em:<<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ196.pdf>>. Acessado em 03/06/2018 as 23:23hrs.

AZEVEDO, Antônia Cristina Peluso de. et.al. **Brinquedoteca em diferentes espaços**. São Paulo: Alínea, 2011.

BALTHAZAR, M. P. N. C. FISCHER, J. **A Brinquedoteca numa visão educacional moderna. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG.** Vol. 3 n. 9 - jul.- dez./2006 ISSN 1807-2836. Disponível em < http://www.fsma.edu.br/visoes/ed05/ed05_artigo_5.pdf > acessado em 11 /05/2018 as 21:12hrs.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 3v.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Parâmetros de qualidade para a Educação Infantil, Vol I.** Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acessado em 01/06/2018 as 13:05hrs.

Brinquedoteca e Aprendizagem Infantil. Disponível em: <http://www.cursosonline.com.br/product_downloads/f/brinquedoteca_e_aprendizagem_infantil__51340.pdf>, Acessado em 05/05/2018 às 13:16hrs.

Brinquedoteca: Uma forma lúdica de aprender. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4737/1/MD_EDUMTE_II_2012_34.pdf> Acessado em 20/05/2018 às 21:58hrs.

BUENO, Elizangela. **Jogos E Brincadeiras na Educação Infantil:** ensinando de forma lúdica. Disponível em:< <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ELIZANGELA%20BUENO.pdf>>. Acessado em 04/06/2018 as 20:09hrs.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca:** um mergulho no brincar. 4.ed.São Paulo: Aquariana, 2007.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acessado em 21/05/2018 as 19:06hrs.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar:** O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro. 4.ed. Nova Fronteira, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. et. al. **O Brincar e suas teorias.** 1.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NEVES, José Luís. Pesquisa Qualitativa – características usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**. São Paulo, v. 1 n. 3, 2º,1996.

OLIVEIRA, Vera Barros. **Jogos de regras e a resolução de problemas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, Josuel Oliveira dos. **O lúdico na educação infantil**. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos3/ludico-educacao-infantil/ludico-educacao-infantil.shtml>>. Acessado em 03/06/2018 as 21:16 hrs.

SANTOS, Santa Marli Pires dos **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira – RJ: Wak Ed. 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich, 1896-1964. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. 3 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1991

ZORZE, Patrícia Fernanda do Prado. **Brinquedoteca e suas contribuições aos processos de ensino e aprendizagem de crianças na educação infantil**. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4692/1/MD_EDUMTE_I_2012_19.pdf>. Acessado em 03/06/2018 as 22:17 hrs.